

O ciberjornalismo de proximidade e a convergência possível numa redação de jornalistas: o caso da nova imagem digital do *Jornal da Beira* (Viseu, 1921-mantém publicação)

Proximity cyberjournalism and convergence in a newsroom: the case of the new digital image of the Jornal da Beira (Viseu, 1921-nowadays)

Paulo Bruno Alves

Escola Superior de Educação de Viseu
— Instituto Politécnico de Viseu / Centro
de Estudos de História Religiosa
— Universidade Católica Portuguesa
paulobruno@esev.ipv.pt
ORCID ID: [0000-0002-4299-1071](https://orcid.org/0000-0002-4299-1071)

Resumo: O presente artigo¹ expõe no título o seu tema central. A análise à nova imagem digital do *Jornal da Beira* (Viseu, 1921-mantém publicação) serve de fundo para expor, de forma breve e preambular, a história (recente) do ciberjornalismo português que, em 2020, assinalou um quarto de século. Mas também expõe elementos do ciberjornalismo de proximidade. Esta proximidade no (ciber)jornalismo é algo mais profunda, sendo que a proximidade jornalística é maior e mais real por parte de um órgão regional ou local, do que por um de âmbito nacional. Este texto tem três grandes objetivos: a) Apresentar os elementos principais da história dos primeiros 15 anos do ciberjornalismo em Portugal (1995-2010), e apontar a introdução e consolidação da tecnologia 4G, na década de 2010, como uma alavanca para o nascimento e incremento de projetos jornalísticos *online*, numa fase de maior capacidade da rede de Internet; b) Abordar elementos fundamentais da especificidade do jornalismo de proximidade, que assentam numa trilogia que inclui o território, a comunicação e a comunidade; c) Analisar a nova página *web* do *Jornal da Beira*. A metodologia aplicada estabelece-se em dois pontos: a) A apresentação da história do ciberjornalismo nacional e o de proximidade, no quadro de uma redação composta por jornalistas; b) A exposição e análise da nova página *web* do *Jornal da Beira*, realizada entre janeiro e setembro de 2020, em oito pontos específicos.

Palavras-chave: ciberjornalismo; proximidade; convergência; *web*.

Abstract: *This article sets out its central theme in the title. The analysis of the new digital image of Jornal da Beira (Viseu, 1921-nowadays) serves as a background to briefly and preambular the (recent) history of Portuguese cyberjournalism which, in 2020, already accounts for a quarter of a century of existence. But it also exposes elements of proximity cyberjournalism. This proximity in (cyber)journalism is something deeper, and the journalistic proximity is greater and more real in regional or local media than in a national news agency. This text has three main objectives: a) to present the core elements of the history of the first 15 years of cyberjournalism in Portugal (1995-2010), considering the introduction and consolidation of 4G technology in the 2010s as the birth and growth of online journalistic projects, due to greater capacity of the Internet network; (b) address fundamental elements of the specificity of proximity journalism, based on a trilogy that includes territory, communication and community; c) analyse the new website of Jornal da Beira. The methodology applied is based on two points: a) the history of national and proximity cyberjournalism, in the framework of their newsrooms; b) the analysis of the new website of Jornal da Beira between January and September 2020, in eight specific points.*

Keywords: *cyberjournalism; proximity; convergence; web.*

Introdução

O ciberjornalismo português assinala em 2020 um quarto de século. Mas, apesar dos muitos casos de sucesso, são 25 anos em que a fase experimental do ciberjornalismo ainda é visível, em especial em muitos jornais regionais, por via de um certo tradicionalismo das direções e pela falta de investimento em novas ferramentas digitais. Em paralelo, se a definição de

¹ Este artigo resulta da comunicação “O ciberjornalismo de proximidade e a convergência possível numa redação de jornalistas: o caso da nova imagem digital do *Jornal da Beira* (Viseu, 1921-mantém publicação)”, apresentada na II Conferência Internacional de História do Jornalismo em Portugal, promovida pelo ICNOVA — Instituto de Comunicação da Nova e realizada no Colégio Almada Negreiros — Campus de Campolide da Universidade Nova de Lisboa, nos dias 15 e 16 de outubro de 2020.

ciberjornalismo parece já estar plenamente definida empiricamente e conceptualmente, os ciberjornalistas ainda padecem de uma certa indefinição laboral promovida pelos seus pares jornalistas. Tal realidade é ainda mais visível quando o campo de análise deixa de ser a grande redação de um jornal nacional e se centra numa pequena redação de um qualquer periódico regional.

O aparecimento do ciberjornalismo em Portugal, como um conceito novo do mundo jornalístico, nasceu com a ação vanguardista do *Jornal de Notícias* que, em julho de 1995, inaugurou a sua edição *online*, aproveitando os ‘ventos de mudança’ trazidos pela globalização da Internet. Até 2010, o ciberjornalismo português conheceu três fases definidas. A primeira fase, entre 1995 e 1998, ficou conhecida por ‘implementação’, marcada pelas primeiras apostas dos jornais na Internet. O segundo momento, entre 1999 e 2000, foi um tempo em que o otimismo e o investimento orientaram a ação dos Média nacionais. A terceira fase, entre o final de 2000 e 2010, pautou-se pela depressão e pela estagnação no setor digital, ainda que tenham surgido diversos investimentos ‘contra corrente’. Na década de 2010, fruto da implementação em Portugal da rede de Internet 4G, o ciberjornalismo também se modernizou e os Média começaram a integrar novos meios nas suas páginas *online*, num processo crescente de convergência jornalística.

Em paralelo, o ciberjornalismo de proximidade em Portugal deve ser analisado como parte do próprio ciberjornalismo e da sua evolução. Aquele traduziu-se, numa primeira fase, da simples migração para a *web*, de conteúdos publicados no título físico.

Porém, a proximidade no (ciber)jornalismo é algo mais profunda. A proximidade jornalística é maior, mais real por parte de órgão regional ou local, do que quando é implementada por um jornal de difusão nacional. É num prisma de especificidade da sua comunicação que a imprensa regional se diferencia da imprensa de nacional, em especial pela forma como a informação é organizada e é transmitida num delimitado espaço geográfico. Ora, é também nesse meio que se enquadra a maioria dos órgãos regionais e os diocesanos afetos à Igreja Católica, como é o caso do *Jornal da Beira* (1921-mantém publicação), semanário da diocese de Viseu, que serve como caso de estudo.

Metodologia

A metodologia aplicada a este artigo tem duas partes: a) apresentar-se-á a história do ciberjornalismo nacional e o de proximidade, no quadro de uma redação composta por jornalistas; b) será exposta e analisada a nova página *web* do *Jornal da Beira*, sendo que neste ponto serão apresentados diversos elementos que fazem parte da mesma. Aqui serão expostas diversas figuras representativas das propostas de logótipos e de cabeçalhos, da maqueta (capa), num novo *design* do semanário, quer no formato papel quer no formato virtual. Serão igualmente apresentados os números da análise realizada à página *web*, realizada entre janeiro e setembro

de 2020, em oito elementos específicos: número de visitas totais; dias da semana; horas do dia; país de origem; duração da visita; *downloads*; páginas/URL e frases e palavras de busca.

1. Internet: o (ciber) jornalismo português num admirável mundo novo

A Internet foi uma grande oportunidade para o jornalismo mundial. Durante a década de 1990, como salienta Helder Bastos, houve fundamentalmente duas posições divergentes para a nova conjuntura que então nascia com a democratização da Internet. Num dos lados, estavam os críticos que “(...) esperavam que a rede aliviasse as condições de crise e trouxesse o jornalismo de volta ao seu papel de servidor público” (Bastos, 2010, p. 16). Do outro, estavam os defensores do *status quo* que viram a Internet como “(...) um vasto novo mercado, um sistema de distribuição e uma maneira retoricamente legítima de deflectir as exigências do jornalismo de serviço público para um enclave no ciberespaço” (Bastos, 2010, p. 16).

Numa visão que parte do geral (mundo) para o particular (Portugal), Helder Bastos sustenta que, no final da década de 2000, a depressão instalou-se e subverteu a euforia registada no *terminus* do século XX. O que sucedeu foi, para Helder Bastos, inevitável:

despedimentos em massa, *offshoring* e *outsourcing*, eliminação de posições em aberto eram então padrão nas práticas de gestão. Crescia também o chamado *newswork* ‘atípico’, definido como emprego ocasional, uso de trabalho contratado e aumento do emprego triangular, ambíguo e disfarçado, sobretudo entre os jornalistas mais jovens e recém-chegados ao jornalismo (Bastos, 2010, p. 16).

Em Portugal, como um pouco por todo o mundo ocidentalizado, foi também através do trabalho, tantas vezes mal remunerado, desses jovens recém-licenciados em jornalismo e comunicação social, que foi alimentado o fluxo dos jornais na rede, ao longo das denominadas três fases do ciberjornalismo em Portugal entre 1995 e 2010. Foi precisamente em 26 de julho de 1995 que o *Jornal de Notícias* (JN) deu início à história do ciberjornalismo português, com a inauguração da sua edição *online*, tornando-se no primeiro periódico diário nacional (generalista) a fazer atualizações diariamente na *web*. Dois jornalistas do JN (Helder Bastos e Nuno Marques) transformaram-se, quase subitamente, em ‘ciberjornalistas’, ainda que trabalhassem na mesma redação dos seus camaradas de profissão. O seu trabalho “(...) dividia-se essencialmente em quatro vertentes nucleares: interactividade com os leitores, edição de notícias, gestão da participação dos leitores em fóruns de discussão e transporte de conteúdos do jornal de papel para o digital” (Bastos, 2010, p. 35).

A Internet foi globalmente entendida como um admirável mundo novo para o (ciber) jornalismo português. Segundo Helder Bastos, existiram três fases do ciberjornalismo em Portugal até 2010. A primeira decorreu entre 1995 e 1998 e designou-se por ‘implementação’.

Nesse período, os jornais começaram a apostar na Internet, fomentando a criação de *sites* onde colocavam, *grosso modo*, parte dos conteúdos no formato impresso. Trata-se de “(...) uma fase marcada tanto pela experimentação quanto pela incerteza em relação aos resultados” (Bastos, 2010, p. 33). O objetivo primordial dos Média portugueses era estar ‘na caruagem da inovação tecnológica’ e acompanhar de perto a evolução dos novos tempos do jornalismo, também em formato digital. Ainda assim, nessa altura, mercê de alguma desconfiança, a *web* funcionou mais como um mero repositório de conteúdos do jornal impresso do que uma qualquer ‘pedrada no charco’ do espectro jornalístico de então, ainda vincadamente tradicionalista, sobretudo ao nível da coabitação de jornalistas e ciberjornalistas na redação.

Foi em janeiro de 1998, no final dessa primeira fase, que nasceu o *Setúbal na Rede*, um semanário editado naquela cidade sadina, que granjeou o título do primeiro jornal exclusivamente *online* no nosso país. O título haveria de sucumbir definitivamente em 2017, depois de vários períodos em que passou por dificuldades económicas. As rádios e as televisões também adotaram novos comportamentos profissionais e seguiram em paralelo com os jornais, adequando os seus serviços respetivos.

Entre 1999 e 2000 surgiu uma nova realidade. A Internet que, no passado recente, mais não era do que uma forma de divulgar o jornal impresso, começou a ser analisada pelos Média e grupos de comunicação como parte de um processo novo de negócio. Foi a segunda fase do ciberjornalismo português: o período do *boom*, do otimismo e do investimento. Surgiram os primeiros jornais generalistas exclusivamente na Internet, como o *Euronotícias*, em maio de 1999, um semanário que tinha uma edição em papel e, ao mesmo tempo, uma edição *online*, e ainda o *Diário Digital*, em julho desse ano. Outros títulos impressos começaram a ter serviços de ‘última hora’, como o *Público online*, e foram realizadas várias reformulações, com vista ao digital, por parte da RTP (abril-2000).

Nessa altura contrataram-se profissionais e meios em grande escala e houve um aumento no número de publicações na Internet, como se poderá verificar no nascimento dos seguintes títulos (excluindo os dois apontados em cima): *Público Online* (janeiro-1999); *Focus* (outubro-1999); *Turbo Online* e *Visão Online* (abril-2000), *Diário do Norte* (abril-2000); *Mais-futebol* (maio-2000); *Portugal Diário* (junho-2000).

Houve também um aumento no investimento na Internet, por parte de vários grupos de comunicação, como foram os casos do Grupo Media Capital, detentor da TVI, rádios *Comercial*, *Cidade*, *Nostalgia*, *Nacional*, jornais *Diário Económico*, *Semanário Económico*, *Independente*, que investiu muito na *web* (março-2000), do Grupo Mello, dono do *Dinheiro Digital*, *Desporto Digital*, *Super Elite*, que também investiu fortemente no digital (março-2000), do Grupo Lusomundo, detentor dos *Jornal de Notícias*, *Diário de Notícias*, *Açoriano Oriental*, *Diário de Notícias da Madeira*, que também fez grandes investimentos na *web* (abril-2000), e do Grupo Impresa, proprietário do jornal *Expresso* e da televisão SIC (dezembro-2000) (Bastos, 2010, pp. 39-45).

A terceira fase, entre o final de 2000 e 2010, pautou-se pela depressão e pela estagnação no setor digital. Este foi um tempo marcado pelo fim de uma ilusão evidenciada pelo encerramento de muitos *sites*. A ‘bolha digital’ rebentou, o investimento caiu, reduziram-se despesas e o desemprego no setor cresceu abruptamente, mercê de despedimentos em massa de jornalistas e outros profissionais especificamente alocados aos projetos digitais. Uma espécie de ‘sismo digital’ abanou a estrutura jornalística nacional. Alguns projetos, como o *Super Elite* e o *Desporto Digital* foram integrados no *Diário Digital* (fevereiro-2001). O Projeto *Imaterial.tv* falhou quatro meses depois de se iniciar (fevereiro-2001). O *Expresso Online* terminou com a atualização de notícias e dispensou trabalhadores (março-2001), a que se seguiu a *SIC Online*, que reduziu investimentos e cortou no pessoal (setembro-2002). O *Diário de Notícias* entrou em contenção na Internet (janeiro-2003) e o famigerado *Setúbal na Rede* também confirmou estar em dificuldades financeiras (abril-2003). A *RTP multimédia* anunciou estar ‘sem rumo’ (junho-2003) e o Grupo Controlinveste, dono dos *Jornal de Notícias*, *Diário de Notícias*, *O Jogo*, *24 Horas*, *Global Notícias* e *TSF* promoveu despedimentos em massa (janeiro-2009), o que levou diretamente aos fechos dos jornais *Global Notícias* e *24 Horas* (junho-2009). Em sentido oposto, os *sites* desportivos ganharam cada vez mais adeptos e eram os mais procurados na *web* (outubro-2009).

Para além das questões dos encerramentos de títulos e despedimentos de jornalistas e outros profissionais, um outro problema arrastava-se sem resolução desde a primeira fase: a falta de regulação do jornalismo *online*. Como indica Helder Bastos,

por esta altura, o ciberjornalismo estava envolto nalguma polémica, um pouco por todo o mundo, como dava conta a TSF, por causa da dificuldade em se estabelecer diferenças entre um portal de Internet e um órgão de comunicação social *online*, em controlar o tratamento jornalístico da informação, mas também devido aos direitos de autor dos ciberjornalistas (Bastos, 2010, p. 47).

As dificuldades do ciberjornalismo mantiveram-se durante toda a terceira fase. À falta de regulação do setor juntava-se o pouco reconhecimento que os seus profissionais tinham pelos seus pares. O sedentarismo do ciberjornalismo foi um dos aspetos não compreendidos pelos outros jornalistas da redação, que muito frequentemente se deslocavam ao exterior. Em verdade, como lembra Helder Bastos, “(...) uma maioria expressiva considerava o ciberjornalismo um novo tipo de jornalismo, distinto do tradicional, mas que era pouco valorizado, quer pela classe jornalística em geral quer no interior das respectivas empresas” (Bastos, 2010, p. 55).

Nesta terceira fase também foram realizados vários investimentos em contraciclo. Apesar de ser evidente que, em dez anos, “(...) não foi lançado um único ciberjornal generalista de raiz” (Bastos, 2010, p. 58), era claro que os jornais estavam a investir mais no *online* e que os utilizadores portugueses aumentaram grandemente. O *Diário de Notícias* reformulou o seu *site*, a partir de setembro de 2001, depois de o grupo Lusomundo (a que pertencia) ser

adquirido pela Portugal Telecom. Em setembro de 2002, o *site Maisfutebol* integrou um portal de desporto, que permitiu abrir espaço na rede para outras modalidades como o andebol e o atletismo, com *sites* próprios. No final do ano seguinte, em dezembro de 2003, o *Diário Digital* e o *Sapo*, o portal da Portugal Telecom, estabeleceram uma parceria comercial que permitiu o crescimento daquele canal de notícias *online*.

Os investimentos também foram particularizados na renovação gráfica dos *sites*. Isso sucedeu, entre outros, com o jornal *Expresso*, em setembro de 2005, e com o *Diário Digital*, em abril de 2006. A esses melhoramentos, outros surgiram como aconteceu com a introdução de *podcasts* nos *sites* da *TSF*, em janeiro de 2006, e da *SIC online*, um mês depois. As renovações gráficas dos *sites* de alguns órgãos de comunicação (jornais e televisões) continuaram nos meses e anos seguintes, como sucedeu com o jornal *Público*, em 19 de novembro de 2007. Tal realidade era, segundo José Manuel Fernandes, à época o diretor do *Público*, citado por Helder Bastos “(...) o resultado da natural evolução das necessidades dos cidadãos no acesso à informação” (Bastos, 2010, p. 63).

Com efeito, os hábitos dos leitores e dos internautas estavam a mudar. Ainda assim, de acordo com Helder Bastos, apesar de todos os investimentos feitos na rede a contracorrente, por variados órgãos de comunicação portugueses, demonstrou uma realidade insofismável:

a maior parte [desses investimentos] se concentrou naquilo que poderemos considerar acessório, não estruturante: refrescamento gráfico de *sites*; aproveitamento de redes ou aplicações preexistentes, isto é, não desenvolvidas pelos próprios ciberjornalistas (*feeds*, *widgets*, edições para dispositivos móveis, perfis em redes sociais, etc.); acolhimento do contributo de bloguistas e «cidadãos-repórteres»; ênfase dada à instantaneidade, com secções de última hora baseadas sobretudo em *takes* de agências noticiosas. Em suma, investimentos *light* (Bastos, 2010, p. 72).

Helder Bastos apresenta, em contra ciclo do que sucedeu, o que não foi realizado e que, porventura, poderia ter alavancado o ciberjornalismo português para uma outra realidade. Entre esses “esforços essenciais” que não aconteceram estão, entre outros:

o reforço das equipas, apostando num efetivo plano de contratação de mais e novos ciberjornalistas e demais profissionais que produzissem mais e melhores conteúdos *online*; a aposta numa verdadeira convergência entre jornalistas e ciberjornalistas e na efetiva e permanente interatividade com quem acedia aos *sites* noticiosos, de forma a interagir e melhor compreender a ciberaudiência (Bastos, 2010, p. 73).

Perante este cenário, o próprio Helder Bastos assegura que, nos primeiros 15 anos de ciberjornalismo português, as suas especificidades não foram contempladas.

Os cibermedia portugueses estiveram longe de explorar o enorme potencial de interactividade, hipertextualidade, multimedialidade, instantaneidade, memória e personalização, permitido pelo novo meio. Além disso, as versões *online* dos media tradicionais portugueses reproduziram invariavelmente conteúdos e modelos decalcados das edições tradicionais (Bastos, 2010, p. 85).

Na década de 2010, a introdução da tecnologia 4G, em Portugal, trouxe uma maior capacidade da rede de Internet, com velocidades mais rápidas de acesso, nomeadamente a descarregar ficheiros (*downloads*) e a fazer envios (*uploads*). Essa situação permitiu um reforço tecnológico a novos projetos jornalísticos *online* que, entretanto, nasceram ou se remodelaram. Tal sucedeu, por exemplo, com o aparecimento do *Observador*, em 2014, um jornal de âmbito nacional e generalista unicamente *online*, que faz uso dessa capacitação da rede, a que junta no mesmo *site* a Rádio Observador, criada em 2019. Um outro exemplo, mas de remodelação, é o *Jornal do Centro*, com sede em Viseu mas de abrangência distrital. Nascido em 2002, este semanário deixou de se publicar em papel, na primavera de 2020, no decurso da pandemia da covid-19, passando a ser inteiramente *online*. Antes, este projeto de convergência jornalística já tinha criado a Rádio Jornal do Centro (2016) e a AquiTV (2019), num dinâmico *site* que foi criado em 2017, depois de uma remodelação do grupo, em 2015.

Desde o início da década de 2020, a 5G tem sido, também em Portugal, a aposta seguinte no setor tecnológico, com a promessa de uma maior velocidade da Internet face à antecessora 4G. No caso específico do ciberjornalismo, a tecnologia 5G trará seguramente novas dinâmicas.

1.1. A proximidade no (ciber)jornalismo

Ao longo da terceira fase do ciberjornalismo português (2000-2010), foram sendo feitos investimentos no ciberjornalismo, paralelos à crise por que então já passava o setor. As empresas jornalísticas demonstraram uma ténue mudança de paradigma, mais visível no refrescamento gráfico das suas páginas *online* e na utilização da rede (que era melhorada ciclicamente) do que, em concreto, num verdadeiro reforço das equipas e, por essa via, na qualidade da produção jornalística.

Cinco anos mais tarde, em 2015, numa fase em que os investimentos *contra corrente* ainda estimulavam a rede, um outro conceito ligado ao ciberjornalismo foi apresentado com grande pormenor: a proximidade.

O ciberjornalismo de proximidade está intimamente ligado ao jornalismo de proximidade, sendo, aliás, uma sua extensão. A proximidade jornalística é mais real quando realizada por um órgão de âmbito local e regional do que por um de difusão nacional. É nesse sentido que, como salienta Carlos Camponéz, “a proximidade é entendida com frequência, no

jornalismo, numa dimensão essencialmente estratégica, quer seja como valor-notícia orientador dos critérios noticiosos do jornalista, quer ainda como um produto comercial” (Camponez, 2012, p. 35).

Existem diversos elementos que singularizam o jornalismo de proximidade e que se estabelecem numa trilogia que inclui o território, a comunicação e a comunidade. O território onde se criam as raízes do jornalismo regional é visto nas suas dimensões físicas e geográficas mas também humanas, que abrem lugar a uma realidade afetiva, socioprofissional e sociocultural. Nesse prisma, Carlos Camponez recorda que a proximidade, “(...) como elemento caracterizante do que é notícia, (...) é vista como um dos valores centrais do jornalismo, determinante do interesse do público pelas notícias” (Camponez, 2012, p. 35).

Ora, são todos aqueles agentes — humanos, materiais e imateriais — que definem esse sentimento de pertença, fruto de uma vivência no mesmo território, e garantem uma sensação de proximidade. Perante esta realidade, Carlos Camponez refere que

esta polissemia de sentidos é também explorada de forma estratégica pelos meios de comunicação de massa noticiados; o espaço privilegiado de difusão da informação; o tipo de conteúdos partilhados e de informação disponibilizada; enfim, a definição dos públicos (Camponez, 2012, pp. 36-37).

A imprensa regional diferencia-se da imprensa de dimensão nacional pela especificidade da sua comunicação, como está organizada e é transmitida. Possui também um cariz comunitário que a caracteriza *per si*: a procura de informação e a transmissão de notícias ocorrem no espaço geográfico da comunidade. É aqui que estão lugares, interesses e valores comuns, que são construídos e aceites pelos seus constituintes. É aqui que se definem e se formam os públicos que assinam e leem esse título, onde estão implantados os serviços do órgão regional e onde coabitam os seus responsáveis.

O ciberjornalismo veio revitalizar o jornalismo de proximidade. Esta ideia foi apresentada e defendida pelo espanhol Xosé López García, em 2008, na obra *Ciberperiodismo en la proximidade*, “que ‘abriu’ um novo campo de investigação do *novo* jornalismo, sobretudo em Espanha” (Jerónimo, 2015, p. 90). Nesse hiato temporal de doze anos, o ciberjornalismo apançou-se de novas ferramentas e criou novos conteúdos. Mas a singularidade do (ciber)jornalismo de proximidade mantém-se, ainda que tantas vezes reinventada.

Atendendo ao inegável crescimento do ciberjornalismo nas últimas décadas, por via do grande incremento da Internet, aspetos como a proximidade e o hiperlocal poderão ser melhor compreendidos. Nos últimos anos, a atenção para o jornalismo local tem, ao mesmo tempo, captado um interesse por parte de investigadores dos Média, conscientes da importância que a informação de proximidade tem sobre as pessoas e o público. Em rigor, como reforça Pedro Jerónimo, o interesse pelo local, por parte de académicos,

parece ter-se revigorado nos últimos anos, sobretudo com o aparecimento de estudos de mídia e jornalismo (...). Embora seja um conceito cada vez mais frequente na discussão sobre o futuro dos mídia, a realidade é que o mesmo ainda não é consensual (Jerónimo, 2015, p. 93).

Termos como ‘jornalismo de nicho’, ‘conteúdos de nicho’ ou ‘informações hiperlocais’ têm surgido, nos últimos anos, de forma cada vez mais frequente num jornalismo de proximidade transmitido na Internet. Segundo alguns autores, essas denominações nasceram no interior da *World Wide Web* e centram-se em elementos geográficos de orientação comunitária, como sejam a realização de peças noticiosas direcionadas para os que ali vivem e interagem, envolvendo os cidadãos dessas mesmas comunidades e preenchendo as lacunas dos títulos de abrangência nacional e até regional, que ou desconhecem certos acontecimentos que têm valor-notícia, ou apenas porque não os consideram relevantes para as suas publicações.

Fabiana Bravo, citada por Pedro Jerónimo, admite mesmo que o jornalismo resultante [dessa proximidade] “vem dar à comunidade a oportunidade de expressar e criar laços de identidade, em contraponto à cultura mundializada e à padronização das produções jornalísticas” (2012 as cited in Jerónimo, 2015, p. 93).

É nesse contexto que o ciberjornalismo de proximidade e o jornalismo regional têm um enfoque especial. Em verdade, o que está próximo de nós interessa-nos! Saber o que se passa no nosso espaço envolvente assumiu, nesta atual situação de pandemia da covid-19, uma importância ainda maior do que no passado recente. Num mundial “novo normal”, as informações mais próximas de nós são as que realmente captam a nossa principal atenção. Sejam elas criadas por diferentes formas:

- a) Por um emergente jornalismo hiperlocal, sustentado por cidadãos conscientes da preservação das suas raízes comunitárias;
- b) Por jornalistas no desemprego que encontraram, nas novas plataformas existentes, um jornalismo de cidadão que vem alimentando o interesse de um público em crescendo;
- c) Por uma redação constituída por jornalistas formados ‘à moda antiga’, que resiste e se depara com a necessidade de reinventar novas formas de captar e transmitir as informações, passíveis de captar interesse por parte do seu público-alvo.

A convivência da Internet com o jornalismo regional não é um tema novo. Mas, duas décadas depois da sua disseminação mundial, a utilização plena, nas redações, das possibilidades permitidas pela Internet ainda é muito incipiente. Mais ainda é a convergência jornalística que dali nasceu. Pedro Jerónimo, na análise feita aos dados da Entidade Reguladora da Comunicação, relativos a 2010, admite que, numa amostra de 411 títulos, 46% tinham uma

edição eletrónica, 41% não possuíam qualquer extensão virtual e 4,9% mostravam-se por meio de blogues (Jerónimo, 2015).

O retrato da imprensa de inspiração cristã seguiu em linha com esses dados e até confirmou um certo aumento: 70% dos títulos possuíam uma extensão virtual da sua publicação em papel, que geralmente era apenas o retrato geral da publicação em papel, com referência aos principais assuntos analisados, e contactos para o exterior.

Isso sucedeu com o *Jornal da Beira*, órgão oficial da diocese de Viseu, quando se lançou na *web*, no início da década de 2010. Porém, esse salto tecnológico não foi particularmente visível no que respeita à convergência jornalística da imprensa regional e em concreto à daquele título diocesano que, em 9 de janeiro de 2021, completará 100 anos de edição.

Na lógica globalizante da convergência jornalística, de acordo com Henry Jenkins, citado por Pedro Nunes e Juliana Amorim, aquela não deve ser analisada unicamente sob o prisma tecnológico, mas também como um elemento “(...) ligado à informação digitalizada e ao surgimento de conglomerado de mídia que modifica a maneira como consumimos informação e o próprio conteúdo midiático. Ela ainda afeta as relações econômicas da indústria bem como a circulação de produtos culturais” (2006 as cited in Nunes & Amorim, 2016, p. 37).

Uma das mudanças possibilitada — ou até imposta — pela nova cultura de convergência jornalística foi a de as redações começarem a

a trabalhar de forma integrada, ou seja, se antes existiam núcleos distintos do jornal impresso, TV, rádio e portal, cada um produzindo de forma independente, agora, a equipe editorial de um sistema de comunicação age em conjunto, produzindo conteúdo para diversas plataformas (Nunes & Amorim, 2016, pp. 39-40).

Ao mesmo tempo, é certo que o ciberjornalismo implica uma série de conhecimentos técnicos em vários domínios: imagem, som, animação e edição de vídeos, linguagem HTML, entre outros. Ora, estes elementos constituem, de certa forma, um conjunto alargado de códigos indecifráveis a uma geração mais antiga de jornalistas, que nasceu e cresceu num meio em que o papel imperava.

Em tempos de convergência, como esclarecem Salaverría e Avilés, citados por Pedro Nunes e Juliana Amorim, “(...) a versatilidade é a principal característica do jornalista, de modo que a habilidade para o desenvolvimento de diversas funções, antes desempenhadas por profissionais diferentes, já faz parte da rotina desses profissionais” (2008 as cited in Nunes & Amorim, 2016, p. 43). Em redações pequenas, como são maioritariamente as dos títulos regionais, ser jornalista versátil tende a ser mais do que uma necessidade. É, muitas vezes, uma imposição. Perante essa realidade, questiona-se até que ponto é que as direções de muitos jornais regionais podem garantir às suas redações e aos seus jornalistas as condições possíveis que lhes permitam dar esse salto tecnológico. Como é que se poderia ou poderá falar de uma efetiva convergência jornalística no exemplo de uma redação como a do *Jornal da Beira*? Essa convergência é a possível, e o caso do órgão da diocese de Viseu é um entre tantos no jornalismo regional e no (ciber)jornalismo de proximidade.

2. Nova página web do *Jornal da Beira*

O *Jornal da Beira*, órgão da diocese de Viseu, lançou-se no mundo digital no início da década de 2010. Desde as primeiras edições *online* deste semanário, e até ao final de 2019, as alterações foram sendo cíclicas. Numa primeira fase, o processo centrou-se basicamente na apresentação dos principais títulos, num sumário multimédia ainda arcaico. Já num segundo momento, sensivelmente desde os últimos quatro anos, foi promovida a uma maior disponibilização de conteúdos, tornando acessível o pdf da edição impressa para os assinantes. A redação é, desde 2014, formada por dois jornalistas que trabalham na edição impressa, de 20 páginas, que engloba 12 secções: esta ordem: (Primeira); Ditos e Feitos; Diocese; Viseu; Região; Centrais; Saúde; Necrologia; Tema; Informativo; Desporto; Igreja; Liturgia; (Última). Se atendermos à especificidade e identidade do jornalismo de proximidade (Camponez, 2002), e o verificarmos nas páginas daquele título regional, confirmamos que, em 2020, o ciberjornalismo de proximidade e a convergência nesta redação de jornalistas é, ainda, o possível. Com efeito, ele é vítima da impossibilidade de um ciberjornalismo, no verdadeiro sentido prático do termo, em que a convergência real está ainda muito afastada do quotidiano desse órgão diocesano. Algumas das notícias em papel são transportadas para a página *online*, sem grandes cortes ou reformulação. Desde há sensivelmente um ano que há, na redação, uma ação concertada em noticiar na página *online* certos acontecimentos, ainda que de forma breve, que poderão ser largamente lidos na edição seguinte em papel. A nudez dessa realidade não é apenas a do exemplo apresentado, mas o espelho da generalidade deste tipo de imprensa.

Em 9 de janeiro de 2020, no arranque das cerimónias do seu centenário, o *Jornal da Beira* alterou o seu grafismo, criou um logótipo e um novo *layout* para as suas páginas. Em certa medida, a forma de estar na rede também se alterou. Os dados de que dispomos estão definidos no tempo entre 9 de janeiro e 24 de setembro de 2020, cerca de nove meses.

Durante o ano de 2019, a Casa Episcopal da Diocese de Viseu recebeu reuniões regulares de uma então, recentemente criada, “Comissão do Centenário do *Jornal da Beira*”, sob a égide do bispo D. António Luciano dos Santos Costa, promovida pelo diretor da Fundação *Jornal da Beira*, padre Luís Miguel Figueira da Costa, em articulação com o Departamento dos Bens Culturais da Diocese de Viseu, coordenado pela doutora Maria de Fátima dos Prazeres Eusébio, e com o *Jornal da Beira*, dirigido pelo padre Nuno Miguel Henriques Azevedo.

Foi posteriormente contratada a ‘Trapézio de Ideias’, uma empresa de Oliveira de Frades dedicada às áreas do *design*, da impressão e da publicidade para criar os logótipo e *layout* do *Jornal da Beira*, como se poderá ver nas figuras aqui inseridas. A gestão da página web é da responsabilidade do engenheiro Urbano Mendonça.



Figura 1
Propostas de logótipos
 Fonte: Jornal da Beira



Figura 2
Propostas de cabeçalhos
 Fonte: Jornal da Beira



Figura 3
Propostas escolhidas
 Fonte: Jornal da Beira



Figura 4
Exemplo de maqueta (capa)
 Fonte: Jornal da Beira

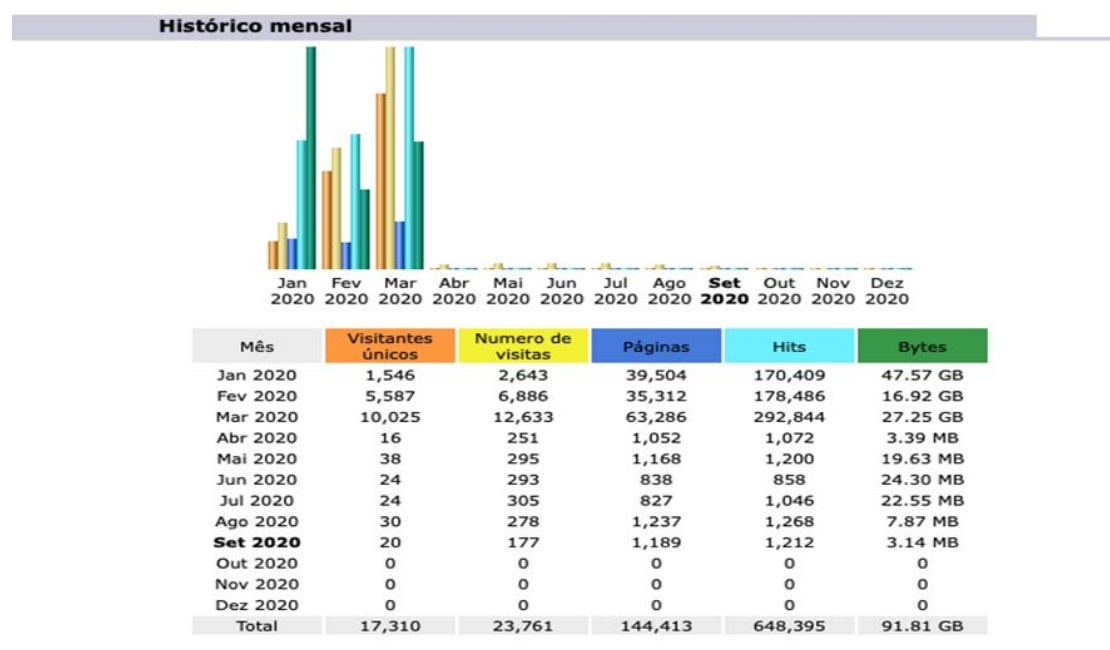


Figura 5
 Visitas à nova página web (meses janeiro-setembro de 2020)
 Fonte: Jornal da Beira

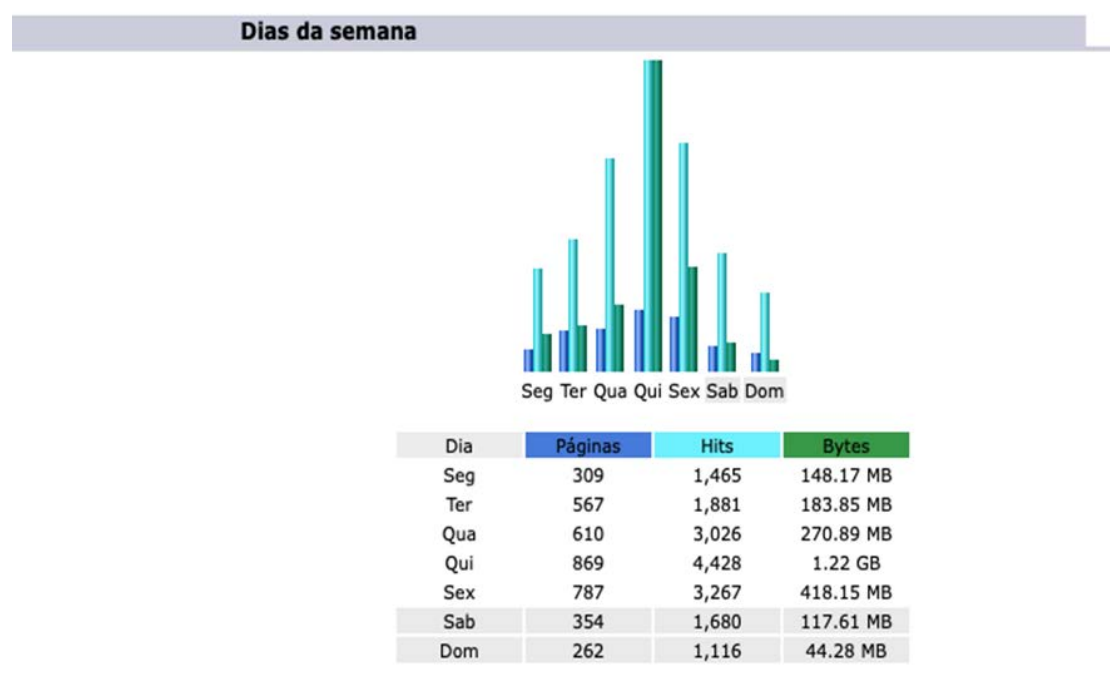


Figura 6
 Visitas à nova página web (dias da semana)
 Fonte: Jornal da Beira

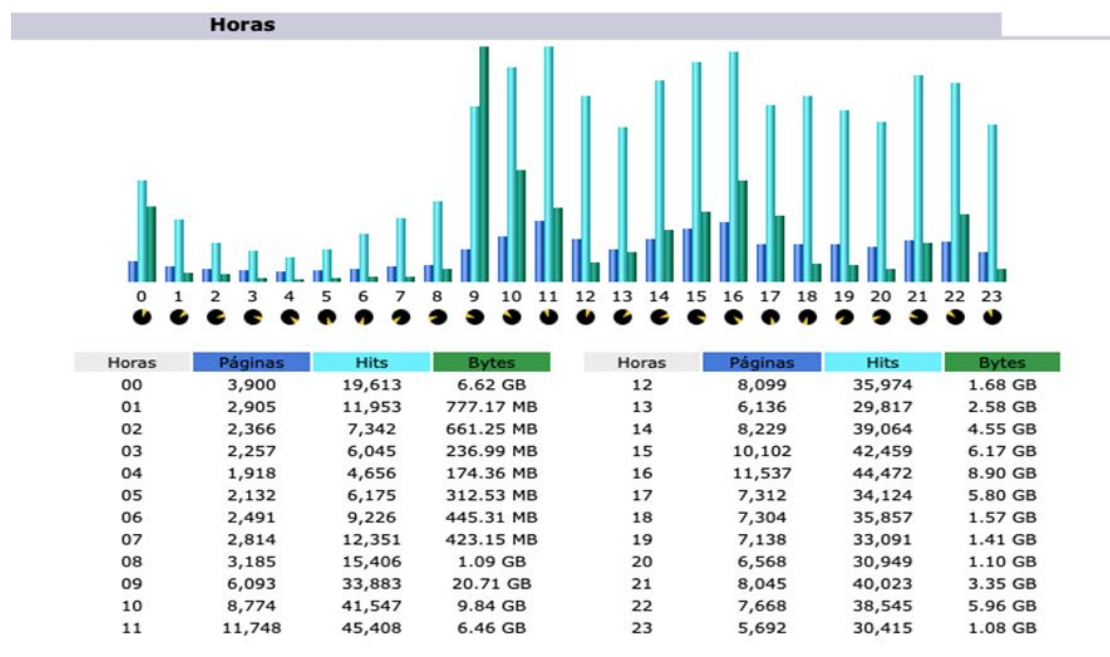


Figura 7
 Visitas à nova página web (horas do dia)
 Fonte: Jornal da Beira

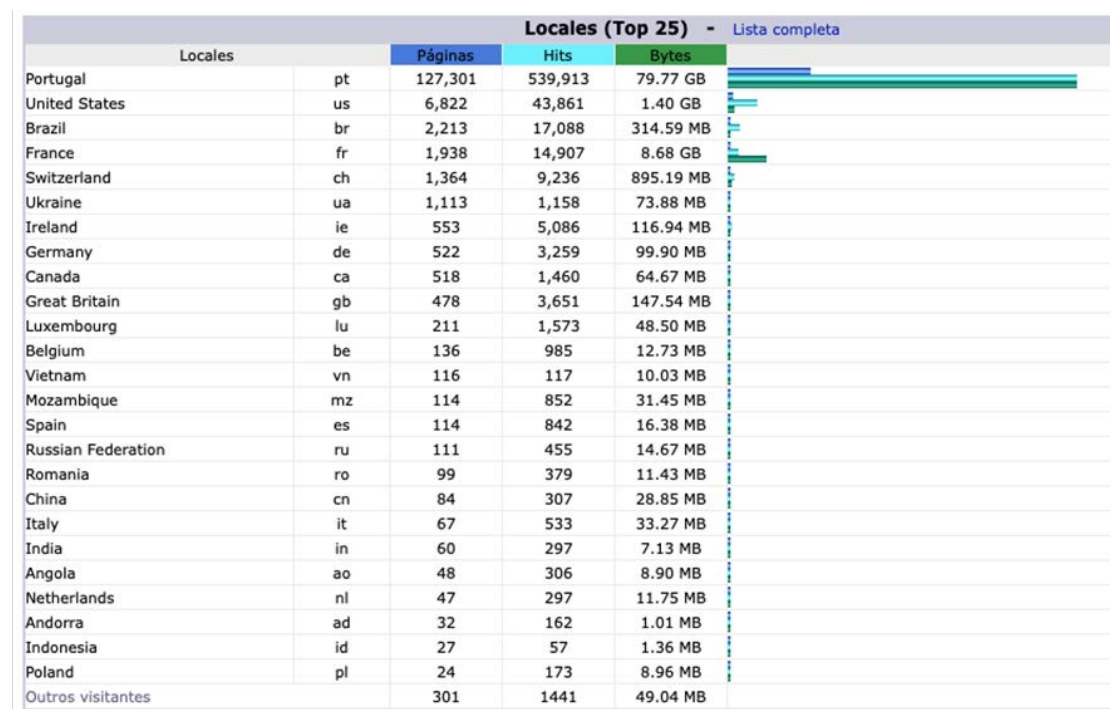


Figura 8
 Visitas à nova página web (país de origem)
 Fonte: Jornal da Beira

Duração da visita			
		Numero de visitas: 23,761 - Med: 258 s	
		Numero de visitas	Porcentagem
0s-30s		19,419	81.7 %
30s-2mn		1,407	5.9 %
2mn-5mn		741	3.1 %
5mn-15mn		454	1.9 %
15mn-30mn		186	0.7 %
30mn-1h		585	2.4 %
1h+		968	4 %
Desconhecido		1	0 %

Figura 9
Visitas à nova página web (duração da visita)
 Fonte: Jornal da Beira

Downloads (Top 10) - Lista completa				
Downloads: 89		Hits	206 Hits	Bytes
				Dimensão média
	/wp-content/uploads/2020/03/JB_200312.pdf	463	0	5.91 GB
	/wp-content/uploads/2020/01/JB_200116.pdf	445	0	6.35 GB
	/wp-content/uploads/2020/01/JB_200109.pdf	429	0	7.88 GB
	/wp-content/uploads/2020/01/JB_200123.pdf	372	0	5.81 GB
	/wp-content/uploads/2020/03/JB_200319-1.pdf	330	0	3.73 GB
	/wp-content/uploads/2020/03/JB_200326.pdf	312	0	3.09 GB
	/wp-content/uploads/2020/02/JB_200220.pdf	287	0	3.69 GB
	/wp-content/uploads/2020/02/JB_200227.pdf	284	0	4.31 GB
	/site/wp-content/uploads/2019/12/JB_191212.pdf	284	0	5.32 GB
	/wp-content/uploads/2020/03/JB_200305.pdf	277	0	3.39 GB

Figura 10
Visitas à nova página web (downloads, 10+)
 Fonte: Jornal da Beira

Páginas/URL (Top 25) - Lista completa - Páginas de entrada - Sair				
1,163 paginas diferentes		Acesso	Dimensão média	Páginas de entrada
				Sair
/wp-admin/admin-ajax.php		37,119	42.58 KB	1,537
/wp-cron.php		13,441	240 Bytes	1,478
/wp-content/themes/imix/assets/fonts/fontawesome-web...		8,940	17.38 KB	265
/wp-content/themes/imix/assets/fonts/tiefonticon/tiefonticon.wof...		8,881	2.02 KB	411
/site/wp-admin/admin-ajax.php		7,665	4.31 KB	4
/		6,677	115.08 KB	3,068
/camara-de-viseu-declara-situacao-de-alerta-e-ativa-plano-munici...		6,061	84.60 KB	5,679
/faleceu-d-illidio-pinto-leandro/		3,438	81.96 KB	2,653
/feed/		2,607	31.31 KB	35
/category/viseu/		2,383	81.59 KB	23
/category/diocese/		2,303	81.33 KB	5
/category/regiao/		2,291	81.40 KB	7
/category/igreja/		2,281	80.40 KB	7
/category/saude/		2,251	80.72 KB	5
/category/tema/		2,237	78.05 KB	1
/category/desporto/		2,237	80.49 KB	3
/category/destaques/		2,222	76.47 KB	2
/viseu-primeiro-centro-de-rastreio-do-interior-a-funcionar-desde...		1,979	90.83 KB	1,820
/tem-de-se-comecar-a-falar-mais-dos-cuidados-paliativos-e-elimin...		1,858	88.34 KB	1,615
/wp-admin/post.php		898	408.21 KB	4
/wp-admin/edit.php		854	231.31 KB	
/wp-admin/admin.php		760	162.84 KB	2
/site/wp-cron.php		574	599 Bytes	16
/entrar/		501	69.75 KB	13
/centro-hospitalar-tondela-viseu-suspende-visitas/		496	82.73 KB	392
Outros visitantes		23,459	93.44 KB	4,718

Figura 11
Visitas à nova página web (Páginas/URL, 25+)
 Fonte: Jornal da Beira

Frases de busca (Top 10)			Palavras de busca (Top 25)		
Lista completa			Lista completa		
36 palavras-chave(s) diferente(s)	Pesquisa	Porcentagem	59 Palavra chave	Pesquisa	Porcentagem
jornal da beira	10	14.9 %	jornal	27	12.9 %
jornal das beiras	8	11.9 %	beira	21	10 %
^ba5^x039^ttab02^pt	5	7.4 %	da	21	10 %
diario da beira	4	5.9 %	de	11	5.2 %
https://jornaldabeira.net/site/	3	4.4 %	viseu	10	4.7 %
diario de viseu	2	2.9 %	beiras	10	4.7 %
jornal noticias da beira de 2020	2	2.9 %	diario	9	4.3 %
jornaldabeira	2	2.9 %	das	9	4.3 %
jornal de viseu	2	2.9 %	^ba5^x039^ttab02^pt	5	2.3 %
segundo domingo do tempo comum ano- a- 2020	2	2.9 %	2020	4	1.9 %
Outras frases	27	40.2 %	do	4	1.9 %
			pinto	3	1.4 %
			//jornaldabeira.net/site/	3	1.4 %
			leandro	3	1.4 %
			19	3	1.4 %
			comum	3	1.4 %
			https	3	1.4 %
			tempo	3	1.4 %
			domingo	3	1.4 %
			ilidio	3	1.4 %
			covid	3	1.4 %
			povo	2	0.9 %
			a-	2	0.9 %
			jornaldabeira	2	0.9 %
			d	2	0.9 %
			Outras palavras	40	19.1 %

Figura 12
Visitas à nova página web (frases e palavras de busca, 10+ e 25+)
 Fonte: Jornal da Beira

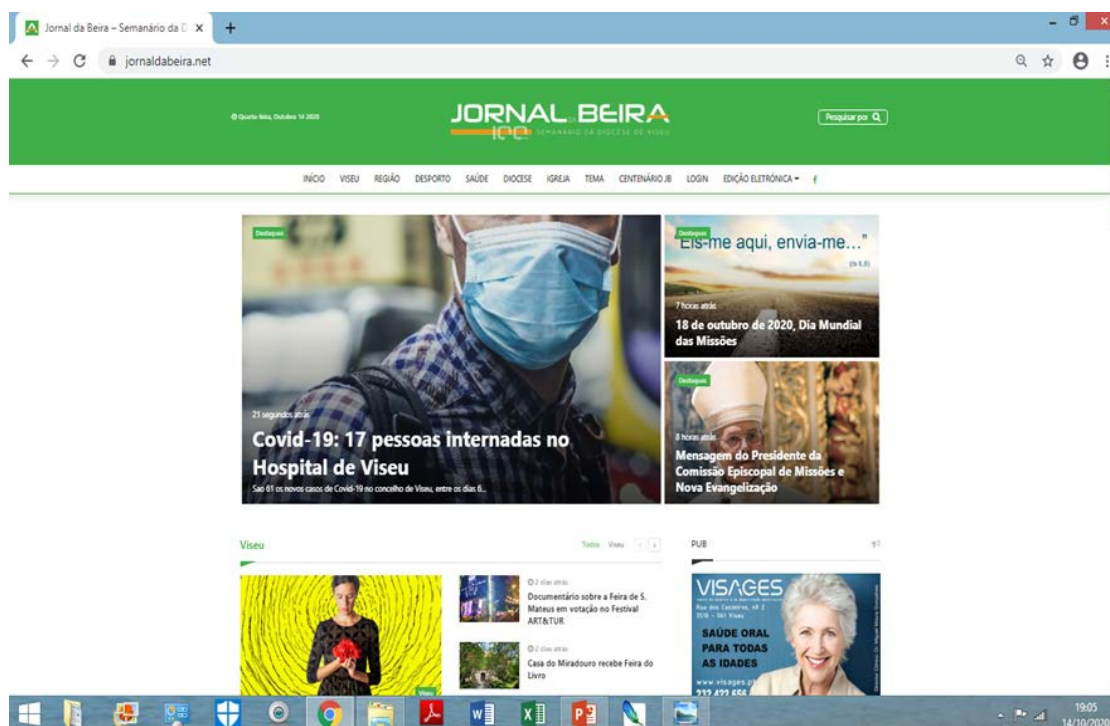


Figura 13
Pormenor da página online
 Fonte: Jornal da Beira



Figura 14
Evidência do imediatismo na edição online
Fonte: Jornal da Beira

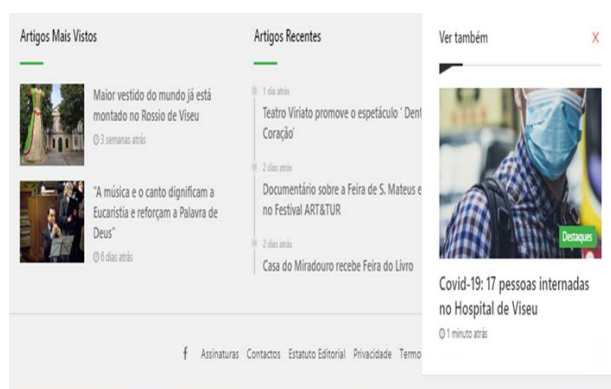


Figura 15
Indicação dos artigos mais vistos,
mais recente recentes e “ver também”
Fonte: Jornal da Beira



Figura 16
Indicação das notícias mais recentes e populares
da edição online
Fonte: Jornal da Beira



Resultados

A análise dos dados recolhidos, face às visitas à nova página *web* do *Jornal da Beira*, ocorridas entre janeiro e setembro de 2020, está alicerçada em oito aspetos: número de visitas totais; dias da semana; horas do dia; país de origem; duração da visita; *downloads*; páginas/URL; frases e palavras de busca.

1) Durante o tempo de análise (janeiro-setembro), verificou-se que nos três primeiros meses de 2020 houve um crescimento gradual, nos números de visitantes e de visitas, entre janeiro e fevereiro, sendo que foi mesmo exponencial em março. Com efeito, na análise à ‘Figura 5. Visitas à nova página *web* (meses janeiro-setembro de 2020)’, constatou-se que, em três meses, o número de visitantes únicos aumentou quase dez vezes, passando de 1546 (em janeiro) para 5587 (fevereiro) e, de forma significativa, para 10.025 (março). Esse aumento também se verificou, naturalmente, no número de visitas, como se poderá atestar: 2643 em janeiro, 6886 em fevereiro e 12.633 em março.

Também o número de páginas acedidas conheceu um fluxo crescente, nos três primeiros meses. Em janeiro foram vistas 39.504 páginas, que geraram 170.409 *hits* e 47.57 *gigabytes* (GB). Em fevereiro houve uma redução no número de visualizações: foram visualizadas 35.312 páginas, que geraram 178.486 *hits* e 16.92 GB. Em março foram vistas 63.286 páginas, que geraram 292.844 *hits* e 27.25 GB.

A partir de abril e até setembro registou-se uma diminuição abrupta no número de visitantes e de páginas acedidas. Em termos globais, contabilizaram-se 17.310 visitantes únicos e o número de visitas ascendeu às 23.761. O número de páginas acedidas fixou-se em 144.413, que geraram 648.395 *hits* e 91.81 GB.

2) As visitas à nova página *web* do *Jornal da Beira*, por dias da semana, demonstraram que a quinta, a sexta e a quarta (por esta ordem), foram os que registaram maior número de visitas. Na quinta-feira foram acedidas 869 páginas, que geraram 4428 *hits* e 1.22 GB. Já na sexta-feira foram acedidas 787 páginas, que geraram 3267 *hits* e 418.15 *megabytes* (MB). Por fim, na quarta-feira foram acedidas 610 páginas, que geraram 1465 *hits* e 270.89 MB. Em sentido inverso, os dias em que se registaram menos visitas foram, por esta ordem decrescente: terça-feira (567 páginas, 1881 *hits* e 183.85 MB); sábado (354 páginas, 1680 *hits* e 117.61 MB); segunda-feira (309 páginas, 1465 *hits* e 148.17 MB), domingo (262 páginas, 1116 *hits* e 44.28 MB).

O aumento significativo que ocorreu às quintas-feiras explica-se pelo facto de ser nesse dia que o jornal impresso está na casa dos assinantes e nas bancas. Assim, o público espera e procura (pel)as notícias trazidas pelo semanário da diocese de Viseu, ainda que num novo registo. Naturalmente, a página *web* tem já nesse dia, em termos de conteúdos, a página atualizada ou em atualização. Sem surpresas, a segunda-feira e o domingo são, em oposição, os dias da semana de menor procura por parte dos cibernautas.

3) Ao nível das horas do dia, a que decorreram as visitas à página virtual do *Jornal da Beira*,

foi notória a existência de três períodos predominantes, seguindo essa ordem: 11h-12h, 16h-17h e 15h-16h. Na parte da manhã, entre as 11h e as 12h, foram visualizadas um total de 11.748 páginas, que geraram 45.408 *hits* e 6.46 GB. Já no período da tarde, entre as 16h e as 17h, o número de páginas visionadas desceu ligeiramente e fixou-se nos 11.537, que geraram 44.472 *hits* e 8.90 GB. Por fim, entre as 15h e as 16h foram visualizadas 10.102 páginas, que geraram 42.459 *hits* e 6.17 GB.

Ao longo das 24 horas do dia, é de assinalar que houve, em certos momentos, uma cadência no número de visualização das páginas. Isso aconteceu nas oito primeiras horas do dia (00h-08h), em que o fluxo é reduzido, em contraponto com o período apontado. Ora, antes e depois daquela ‘trilogia horária’, notou-se um novo ritmo mais elevado, entre as 12h e as 15h, em que o número de visualização de páginas estabilizou-se entre os seis e os oito mil (12h — 8099 páginas, 35.974 *hits* e 1.68 GB; 13h — 6136 páginas, 29.5817 *hits* e 2.58 GB; 14h — 8229 páginas, 39.064 *hits* e 4.55 GB). Tal cenário também se verificou no período entre as 9h e as 10h, precisamente com números entre os seis (9h — 6093 páginas, 33.883 *hits* e 20.71 GB) e os oito mil (10h — 8774 páginas, 41.547 *hits* e 9.84 GB).

4) Durante o período de análise à página *web* do *Jornal da Beira* foi notória uma predominância no acesso feito a partir de Portugal. Com efeito, a distância no número de páginas visualizadas feitas a partir desse país, face aos outros dois mais próximos, foi abissal. Portugal registou um total de 127.301 páginas visualizadas, que geraram 539.913 *hits* e 79.77 GB. A seguir, registaram-se quatro países que acolhem das maiores comunidades de emigrantes portugueses e o semanário diocesano de Viseu tem muitos assinantes residentes no estrangeiro, o que seguramente explicará o número de páginas visualizadas.

Em segundo lugar, muito distante dos números alocados a Portugal, ficaram os Estados Unidos da América, com 6822 páginas que geraram 43.861 *hits* e 1.40 GB. Por fim, em terceiro lugar ficou o Brasil, com 2213 páginas que geraram 17.088 *hits* e 314.59 MB. Acrescenta-se neste ponto, de forma singular, os números alcançados a partir de França (1938 páginas, 14.907 *hits* e 8.68 GB) e da Suíça (1364 páginas, 9236 *hits* e 895.19 MB), igualmente dois países de grande presença emigrante. Curiosamente, em sentido contrário, numa assinalável sexta posição do *ranking* de 25 países, ficou a Ucrânia, país do leste europeu, que tem em Portugal uma grande comunidade de imigrantes (1113 páginas, 1158 *hits* e 73.88 MB).

Dos 19 restantes países que elencam o ‘top 25’, é de notar que o número de páginas visualizadas é baixo em países onde há muitas comunidades de emigrantes, como sejam a Alemanha (8.^a posição — 522 páginas, 3259 *hits* e 99.90 MB), o Canadá (9.^a posição — 518 páginas, 1460 *hits* e 64.67 MB), o Reino Unido (10.^a posição — 478 páginas, 3651 *hits* e 47.54 MB)², ou o Luxemburgo (11.^a posição — 211 páginas, 1573 *hits* e 48.50 MB).

2 A grelha que foi apresentada no dia da comunicação foi posteriormente corrigida pelo *Jornal da Beira*. Assim, foram gerados 47.54 MB e não 147.54 MB, como erradamente referido.

5) O tempo da duração da visita à página *web* do *Jornal da Beira* foi eminentemente curto: 19.419 visitas demoraram até 30 segundos, o que se traduziu numa percentagem de 81.7%. Já no tempo fixado entre os 30 segundos e os dois minutos foram visualizadas 1417 páginas, traduzindo-se em 5.9%. Em terceiro lugar registou-se um período mais alargado no tempo, com a visualização de 968 páginas, o que se traduziu em 4%.

6) Durante o período de análise, nas visitas à nova página *web*, foram realizados 89 *downloads* das páginas *pdf* do *Jornal da Beira*, algo que é acessível apenas aos assinantes e colaboradores. Dentro dos 10+, os três primeiros *downloads* registados foram: a) 463 *hits*, que geraram 5.91 GB e uma dimensão média de 13.07 MB; b) 445 *hits*, que geraram 6.35 GB e uma dimensão média de 1143.62 MB; c) 429 *hits*, que geraram 7.88 GB e uma dimensão média de 18.82 MB.

7) As visitas à nova página *web*, por meio das Páginas/URL e 25+, demonstraram a existência de números interessantes, num universo apresentado de 1163 páginas diferentes. Nos três primeiros lugares registaram-se os seguintes elementos: a) 37.119 de acesso, com uma dimensão média de 42.58 *kilobytes* (KB); b) 13.441 de acesso, que com uma dimensão média de 240 *bytes*; c) 8940 de acesso, que com uma dimensão média de 17.38 KB.

8) Ao nível das visitas à nova página *web*, por meio de frases de busca (10+) e palavras de busca (25+), verificou-se que a expressão “jornal da beira” foi a mais utilizada num universo de 36 palavras-chave diferentes. Já ao nível das palavras de busca (25+) a expressão “jornal” foi a mais utilizada, num universo de 59 palavras-chave.

Conclusões

Os primeiros 25 anos do ciberjornalismo em Portugal têm demonstrado que muito ainda há para fazer. A experimentação ainda é muito comum no panorama jornalístico, em especial no de âmbito regional. E tal sucede, do mesmo modo, com o ciberjornalismo de proximidade que não deverá ser visto como exterior ao próprio conceito do ciberjornalismo.

Se a Internet foi entendida como uma grande oportunidade para o jornalismo mundial, no caso específico de Portugal, aquela acabou por demonstrar ter tido um peso excessivo, fruto da pressão a que foram sujeitos os vários intervenientes no setor. Helder Bastos enfatizou que a euforia que se vivera nos últimos anos da década de 1990 foi substituída pela depressão, desde 2000, e sucederam-se os despedimentos em massa de jornalistas e demais profissionais da comunicação. Em contra ciclo, o professor da Universidade do Porto lembra que o ciberjornalismo português não avançou como poderia, por não ter sido realizado, entre outros, o reforço de equipas especializadas, a contratação de mais ciberjornalistas e a aposta numa real convergência jornalística.

Num novo prisma, o conceito de ciberjornalismo de proximidade surge como uma extensão do jornalismo de proximidade, mas dá-lhe uma dimensão mais profunda, mais local, mais interior. A proximidade assume-se como uma característica sensorial, que incluiu

sentimentos de pertença, de lugares, interesses e valores comuns, de convivência num mesmo território, numa partilha de saberes e momentos próprios. E isso é, como sustenta Carlos Camponez, um elemento caracterizante do que é notícia, que interessa particularmente ao público, porque é próximo de si e porque, tantas vezes, conhece os intervenientes (Camponez, 2012). O (ciber)jornalismo de proximidade alia-se a esse elemento de comunidade, catapultando pequenas notícias de pequenos lugares para uma visibilidade noticiosa, de âmbito local, que, num jornal de círculo nacional, não seriam alvo de análise.

Em paralelo, reconhece-se que a convivência da Internet com o jornalismo regional ainda não é total. Há dez anos, entre os 411 títulos regionais da amostra, de uma análise da Entidade Reguladora da Comunicação, menos de metade (56%) tinham uma edição eletrónica dos seus periódicos em papel. Curiosamente, 70% dos títulos regionais, mas especificamente de inspiração cristã, já possuíam essa extensão virtual do seu título em papel.

Ainda assim, o salto tecnológico trazido às redações pela Internet não significou, necessariamente, um avanço na convergência jornalística que aquela induziu. O *modus operandi* das redações mais pequenas, como a do *Jornal da Beira*, manteve-se muito arreigado a processos há muito existentes na cultura do jornalismo regional. Isso também foi notório naquele título católico.

Com efeito, a convergência jornalística no ciberjornalismo (de proximidade) ainda está mundo longe de ser, especificamente, uma realidade no quadro regional e religiosa, e tal é apenas a possível. A simples migração para a *web*, de conteúdos publicados no título físico, é ainda a principal mudança, senão a única, notória no *Jornal da Beira*, que deve ser entendido como um dos muitos exemplos dessa realidade nacional. Não apenas no caso do jornalismo regional e/ou religiosa.

Ora, numa redação de dois jornalistas como é a do *Jornal da Beira*, a convergência dos denominados Média tradicionais (imagem, texto, som) na narração do facto jornalístico (multimedialidade), ainda estará longe de acontecer. Ainda assim, a redação do *Jornal da Beira* tem realizado várias mudanças que são visíveis no tipo de ciberjornalismo de proximidade que é apresentado na sua página *online*, que ainda está numa fase embrionária de penetração virtual. Um desses exemplos é a publicação de uma certa notícia com a indicação do momento: 21 segundos atrás; 7 horas atrás...

Num tipo específico de jornalismo regional e de inspiração cristã, como é o *Jornal da Beira*, aquele magro exemplo deve ser entendido como a promoção de uma mudança de paradigma. Ainda em construção, diga-se!

Referências bibliográficas

- Bastos, H. (2010). *Origens e evolução do ciberjornalismo em Portugal: os primeiros quinze anos (1995-2010)*. Porto: Edições Afrontamento/Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação (CETAC.media).
- Bravo, F.C. (2012). *O jornalismo hiperlocal na era digital. O contributo e papel do blogue Graciosa Online para a RTP* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa].
- Camponez, C. (2002). *Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional*. Coimbra: Minerva.
- Camponez, C. (2012). Jornalismo regional: proximidade e distâncias. Linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade no jornalismo, in J. C. Correia, J. C. (Org.), *Ágora, jornalismo de proximidade: limites, desafios e oportunidades* (pp. 35-48). Editora LabCom IFP.
- Jenkins, H. (2006). *Cultura da convergência*. Tradução: Susana Alexandria. (2nd ed.). Aleph.
- Jerónimo, P. (2015). *Ciberjornalismo de proximidade. Redações, jornalistas e notícias online*. Editora LabCom IFP.
- Nunes, P. & Amorim, J. C. (2016). Cenários da Contemporaneidade: convergência jornalística em tempos dos sistemas hipermedia. In P. Nunes (Org.), *Jornalismo em ambientes multiplataforma* (pp. 32-49). Universidade Federal da Paraíba.
- Salaverria, R. & García Avilés, J. A. (2008). La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo. *Trípodos*, 23, 31-47.